

# ***Castigat ridendo moris?* O olhar de Pérsio a partir de suas sátiras para todo o Principado romano no primeiro século da Era Cristã**

*'Castigat ridendo moris'? Persius' view from his satires to the entire Roman Principate in the first century of the Christian era*

**Marcos Luís Ehrhardt\***

**Resumo:** Um dos maiores, senão o principal objetivo de uma sátira era atacar os males de uma sociedade a partir dessa ferramenta literária. Elemento didático-moralizante, o gênero satírico teria surgido, ou seria motivado, a partir das observações dos vícios, sejam morais e/ou sociais, ou até melhor, das críticas aos comportamentos considerados distorcidos, desviantes a partir daquilo que se considera como um padrão ideal de conduta. Seu principal propósito: aquilo que referenda, bem como aquilo que critica da sociedade romana do primeiro século da era cristã, objetivando padronizar um comportamento para o cidadão habitante de Roma, da mesma forma que para todos os habitantes do Império. Aqui, nos valem dos versos escritos por um destacado autor que viveu no primeiro século da era cristã: trata-se de *Aulus Persius Flaccus*, conhecido apenas como Pérsio.

**Abstract:** One of the biggest, if not the main objective of a satire was to attack the evils of a society from this literary tool. A didactic-moralizing element, the satirical genre would have arisen, or would be motivated, from the observations of the vices, whether moral and/or social, or even better, from the criticism of behaviors considered distorted, deviant from what is considered as an ideal standard of conduct. Its main purpose: what it endorses, as well as what it criticizes of the Roman society of the first century of the Christian era, aiming to standardize a behavior for the citizen inhabitant of Rome, in the same way as for all the inhabitants of the Empire. Here, we make use of the verses written by a distinguished author who lived in the first century of the Christian era: it is *Aulus Persius Flaccus*, known only as Persius.

**Palavras-chave:**

Pérsio.  
Sátira.  
Império Romano

**Keywords:**

Persio.  
Satire.  
Roman Empire

---

Recebido em: 19/05/2022  
Aprovado em: 27/05/2022

---

\* Professor Associado C dos colegiados de graduação e de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Marechal Cândido Rondon/PR. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Líder do Grupo de Pesquisa em História Intelectual e Historiografia (UNIOESTE/CNPq).

A parte inicial do título desse artigo, em latim, pode ser traduzida livremente como “castigar os costumes pelo riso”. Um dos maiores, senão o principal objetivo de uma sátira era atacar os males de uma sociedade a partir dessa ferramenta literária. Elemento didático-moralizante, o gênero satírico teria surgido, ou seria motivado, a partir das observações dos vícios, sejam morais e/ou sociais, ou até melhor, das críticas aos comportamentos considerados distorcidos, desviantes a partir daquilo que se considera como um padrão ideal de conduta. Temos, na figura de Juvenal, a referência para enxergar pelo menos uma causa motivadora das intenções narrativas satíricas,<sup>1</sup> mas sem nos limitarmos a ela: a *indignatio*. Segundo D’Onofrio (1968, p. 80), “numa gama variada de sentimentos, que vai da violência da invectiva até o fino humorismo, o autor satírico serve-se do ridículo para a finalidade catártica da correção dos costumes”.

Aqui, nos valem dos versos escritos por um destacado autor que viveu no primeiro século da era cristã: trata-se de *Aulus Persius Flaccus*, conhecido apenas como Pérsio. Escreveu 6 *Sátiras*, com um prólogo, num total de aproximadamente 700 versos.<sup>2</sup> Nascido em 4 de dezembro de 34, durante o governo de Tibério, em Volterra (*Volaterras*), antiga cidade etrusca; morreu em 24 de novembro de 62, no oitavo ano do governo de Nero. Mesmo vivendo apenas 28 anos, presenciou parte de um importante período da história de Roma, que foi o principado de Nero; e sabemos que esse é um momento que desperta muita curiosidade e interesse de especialistas e não especialistas.

Além de suas sátiras, foi transmitida para a posteridade a chamada *Vita Persi*, biografia dele atribuída ao gramático Marco Valério Probo. Ali dizia que ele era cavaleiro romano, ligado por laços de sangue à alta nobreza. Num ambiente de severa e elevada distinção, e especialmente mantido na Etrúria, onde existia uma forte aristocracia rural, Pérsio passou toda a infância. Foi confiado aos cuidados da mãe, como também aos de uma tia paterna e da irmã, porquanto seu pai morreria quando ele contava apenas seis anos de idade. Diz-se que a mãe se casou pela segunda vez com um homem chamado Fúcio, também cavaleiro romano, mas somente para enviuvar de novo poucos anos depois. Os primeiros estudos, Pérsio os realizou na sua cidade natal.

A razão para escrever sátira? Duas possibilidades: primeiro, após a leitura do Livro X de Lucílio (explicitamente citado na *Sátira I* com um verso luciliano), o nosso autor, Pérsio,

---

<sup>1</sup> Conforme Oliveira (2013, p. 33), “o expoente maior da sátira latina, Juvenal. Tendo vivido em Roma na segunda metade do século I d.C. e princípios do século II, fez aí seus estudos e dedicou-se, durante muito tempo, à arte da declamação. Já atingira a idade madura quando começou a elaborar a sua obra, o que deve ter ocorrido por volta do ano 100 d.C.”.

<sup>2</sup> Chegaram até a contemporaneidade apenas as *Sátiras*. Sua prematura morte aos 28 anos de idade pode ser o maior motivo ao deixar obras inacabadas. Acredita-se que direcionava seus versos para leitura privada, para amigos, e não para um grande público. Sua mãe doou seu patrimônio de 2 milhões de sestércios ao seu mestre, Cornuto.

se animou a seguir o que para ele era um modelo de escrita e abordagem; segundo, a ascendência dos ensinamentos do mestre Cornuto, que ele jamais esqueceu, da mesma forma citado na *Sátira V* e ao preceptor explicitamente dedicado. Podemos afirmar também que Pérsio traz em seu texto elementos da sátira tanto daqueles que vemos em Lucílio quanto em Juvenal.

Mudou-se para Roma quando tinha doze anos de idade, a fim de continuar seus estudos, objetivando uma formação sólida ao seguir os ensinamentos de mestres da época, tais como o gramático Rémio Palémon e o retor Virgínio Flavo. Na filosofia, área que influenciou significativamente sua formação, iniciou seus estudos estoicos com o já citado Aneo Cornuto. Nessa mesma biografia, afirmava-se que nosso autor sofria de uma doença do estômago, enfermidade que o levaria anos mais tarde ao túmulo ainda relativamente jovem.

Vale ainda destacar, nessa breve trajetória de Pérsio, sua relação afetiva mantida com Clodio Trásea Peto e, mais precisamente, com Arria, sua esposa, esta que era parente do nosso satírico. Trásea era um filósofo estoico, articulador e opositor dos anos finais do governo neroniano; além disso, matinha contato com Sêneca, Columela e Lucano, grupo que foi chamado de "círculo dos estoicos".

Partimos da possibilidade de enxergar na trajetória de determinado indivíduo questões importantes de dada sociedade, ou parte considerável dela, pois de acordo com Loriga (2011, p. 186), "[...] quanto mais alto o homem está situado na escala social, mais a rede de suas relações com os outros homens é extensa, mais autoridade possui sobre os outros e mais parece que cada um de seus atos é predeterminado e inevitável".

Optamos, nesse texto, por uma abordagem a partir de elementos do contextualismo inglês. Nesse sentido, transitamos pelas seis *Sátiras*, de Pérsio, e delas retiramos alguns trechos, tornados exemplos, para perceber o diálogo com seu tempo. Analisar, a partir de suas reflexões, aquilo que referenda, bem como aquilo que critica da sociedade romana do primeiro século da era cristã; e, como afirma Marcos Lopes (2015, p. 28), desejamos perceber "abordagens que buscam encontrar indícios de práticas sociais" nos textos.

Citamos ainda, para corroborar tal possibilidade de relação (texto/contexto), um trecho de Quentin Skinner (1999, p. 10-11), quando este afirma que:

Considero igualmente essencial levar em conta o contexto intelectual em que foram concebidos os principais textos - o contexto das obras anteriores e dos axiomas herdados a propósito da sociedade política, bem como o contexto das contribuições mais efêmeras da mesma época ao pensamento social e político. Pois é evidente que a natureza e os limites do vocabulário normativo disponível em qualquer época dada também contribuirão para determinar as vias pelas quais certas questões em particular virão a ser identificadas e discutidas.

Não compactuamos da perspectiva que atrela imediatamente texto/contexto, por vezes vista de maneira automática e mecânica. Aqui convém considerar que o ambiente pelo qual Pérsio transitou foi influenciado, de alguma forma, pelos seus escritos; o caminho de volta também é verdadeiro: o ambiente no qual circulava intervinha na sua narrativa. Mesmo que se considere que o contexto possível é um emaranhado de outros textos, foi com eles que o satirista teve contato, manuseou, e principalmente perpassou pelos ambientes nos quais os referidos textos circularam.<sup>1</sup> Armani (2015, p. 84) afirma em seu texto *Reflexões sobre o contexto na História Intelectual: entre a virada linguística e o novo Materialismo filosófico* que:

A pergunta fundamental, colocada por Skinner [...] em *As fundações do pensamento político moderno*, sobre o que os autores dos textos clássicos estavam fazendo quando os escreveram, delinea, para o historiador, um conjunto de problemas que servem como guia de investigação, entre os quais, a análise dos argumentos que tais autores apresentavam, as questões que formulavam e tentavam responder e, em que medida aceitavam e endossavam, ou contestavam e repeliam, ou às vezes até ignoravam, as ideias e convenções predominantes no debate político.

Nas suas sátiras,<sup>2</sup> Pérsio atacava o que ele considerou o mau gosto dos homens, inclusive os das letras, a sordidez da população, o orgulho dos nobres e, por vezes, a postura despótica do princeps. As sátiras aparecem como verdadeiros sermões; contêm anedotas, referências mitológicas, máximas e, em muitos momentos, cartas dirigidas a pessoas conhecidas.<sup>3</sup>

Pérsio era um homem das letras e, nesse sentido, não foi um homem como os outros, pois tudo que dizia, ou quase tudo, acabou sendo público e poderia ser analisado

---

<sup>1</sup> “Pérsio utilizou aproximadamente 1.938 palavras diferentes em sua obra. Grande parte delas pode ser considerada como *verba togae*, ou seja, palavras comuns, do dia a dia, pouco utilizadas nos poemas de estilo elevado. Muitos desses termos ordinários seriam o equivalente a “hambúrguer” para nós: extremamente comuns no cotidiano, mas raras na literatura. Como exemplos, há o uso de *runcare* (IV, 36), roncar; de *cannabis* (V, 146), que nomeia uma corda feita de erva; da forma verbal onomatopeica *lallare* (III, 17-18), que designa o cantarolar da mãe; de *obba* (V, 148), nome de um recipiente para guardar vinho; de *perna* (III, 75), uma espécie de pernil, e também de *tucetum* (II, 42), um tipo de bife. Esse uso de um léxico vulgar dificulta a leitura das *Sátiras* porque nós, modernos, estamos mais habituados ao latim literário, que guarda significativas diferenças de registro em relação ao latim popular” (CASTRO; LEITE, 2017b, p. 137).

<sup>2</sup> Sátira: de *satura*. O termo pode ser de origem latina, podendo ser observado na expressão, bem antiga, *satur lanx*, a qual nos remeteria ao nome de um prato, repleto de grãos e vegetais, relacionado aos cultos agrários da deusa Ceres. Prato: muito abastecido oferecido aos deuses em ritual (pela abundância e saturação era chamado de *satura*). *Satura* seria o feminino de *satur*, cujo radical da palavra fornece o significado ou ideia de “muito” ou “bastante”, também “misturado”. A partir dos sátiros: poesia de coisas absurdas e exageradas. A sátira tem o objetivo de fazer rir, ademais o seu efeito está associado ao social, assim pode ser remetida para alguma pessoa, instituição ou determinado episódio. Seu estilo é considerado informal, com uma linguagem denominada de *sermo quotidianus*. Por último, e para enriquecer a definição e suas influências, designamos um procedimento judiciário de recurso a uma lei (*lex per satiram*) – compreendia muitas propostas de solução do caso em discussão.

<sup>3</sup> Segundo Castro e Leite (2017b, p. 140), “O prólogo que antecede as seis sátiras que compõem a obra de Pérsio é escrito em metro diverso daquele canonizado por Lucílio e retomado por Horácio como sendo o padrão do gênero: o hexâmetro”.

e/ou problematizado. Ele avaliou, nas sátiras, os atos de seus pares e da sociedade; e essa autoridade, que por vezes soa muito julgadora, recaía tanto sobre a moral privada quanto sobre a vida pública. Pela posição ocupada, e mesmo pela formação que possuía, exclamou o que se deveria pensar do passado romano, o que se precisaria ilustrar sobre questões políticas, morais e sociais; teve “o direito” de dizer como se aplica a filosofia à política, para encontrar nos livros de sabedoria os velhos princípios de Roma; dos quais muitos deles, esses homens das letras, se consideravam guardiães, inclusive Pérsio.

As sátiras demonstram um autor preocupado também com a questão religiosa, pois uma delas é inteiramente dedicada ao tema; ou seja, atuava como um crítico mordaz de sua época, dirigindo seu texto para os hipócritas e supersticiosos. Pérsio faz, no texto, uma espécie de defesa da liberdade contra a preguiça, a avareza e a ambição. Porém, o próprio poeta lamenta, ao longo de seu texto, que não adiantaria falar dessas coisas a um povo composto por ignorantes, que desprezam a sabedoria.

Suas sátiras, inspiradas em uma longa tradição, compunham, no fundo, uma escrita política pessoal contra Nero; para muitos, a verdadeira encarnação literária do estado da cultura romana na época neroniana. A obra persiana é considerada filosófica e didática; e muito perspicaz, pois não cansou de detectar os excessos de parte do período do governo neroniano. Ainda não esqueçamos que, juntamente com Lucano e Sêneca, a filosofia estoica foi uma das armas de oposição aos césaes que se utilizavam de atitudes despóticas. Convém salientar que as *Sátiras*, de Pérsio — temos prova disso na Primeira *Sátira* do poeta — constantemente apontavam para críticas ao estilo literário em voga no mundo romano do primeiro século da era cristã.

Dessa forma, dialogando com uma tradição de crítica ao asianismo ou *gosto novo* em voga na Roma imperial, Pérsio criticava o que chama de mau gosto de seu tempo, expressão utilizada por outros autores também, tal como Sêneca no seu conjunto de epístolas morais. O principal alvo nos textos, aparentemente, foi o próprio *princeps*, Nero, e seu hábito de compor, declamar e participar de todos os concursos de oratória e música que ocorriam nas redondezas de Roma. Convém lembrar aqui que, na Antiguidade, a relação entre estilo e moralidade, entre ética e estética, era bastante estreita, sendo inclusive tema da *Sátira I*, segundo a qual um estilo degradado e corrompido equivale a uma moral viciosa. Isso valeria para o mandatário, bem como para todos os concidadãos.

Os embates estilísticos do contexto da dinastia julio-claudiana parecem fazer eco também na obra persiana. Convém aqui lembrar da clássica obra de Ettore Paratore, *A História da Literatura Latina* (1983), na qual ele afirma que o referido contexto motiva o aparecimento de uma literatura de bajulação, muito em voga ao evitar a crítica direta aos

homens importantes do Principado romano. Nesse caso, vejamos as seguintes palavras do autor:

Ó preocupação dos homens! Ó quanta vaidade há nas coisas! Quem lerá isto? Tu dizes isso para mim? Por Hércules, ninguém! Ninguém? Não te envergonhas em nada que tu te defendas daqueles de cabeças brancas sem que esse morno 'muito bem' tenhas desejado escutar (Pérsio, *Satyrica*, I, 1-5).

E, de acordo com Anderson (1982 *apud* CASTRO; LEITE, 2017a), Pérsio se declarava um *semipaganus*, expressão essa carregada de muitos significados; o comentador, inclusive, define o poeta satírico como um rústico que rejeita os gêneros literários artificiais. Desse modo, o poeta se alinhava aos temas mais próximos da realidade, de interesse do dia a dia, e para isso utilizava um estilo apropriado a um meio rústico. Isto posto, Castro e Leite (2017a, p. 237) indicam que:

De qualquer maneira, o programático prólogo de Pérsio aponta para um desgaste de uma longa tradição helenística, para uma crítica ao tom grego comum a muitos autores romanos e para um redimensionamento do gosto e dos modelos literários. Pérsio ridiculariza temas, estilo e técnica literárias de seus contemporâneos, considerando-os produtos frívolos de amadores interesseiros, e não o resultado do verdadeiro labor do poeta.

Pérsio almejava glória e fama como seus contemporâneos? Acreditamos que sim; mas, uma glória conquistada sem falsos elogios e/ou bajulações. Em algumas ocasiões, lembrará da liberdade de Lucílio e Horácio (algumas de suas inspirações) que escreveram com liberdade e simbolizavam a virilidade romana. Há, aqui, também, uma tentativa de Pérsio em defender os valores romanos (*o mos maiorum*) para todo Império, sua extensão e esfera de influência. Uma tentativa de padronização de determinado estilo e comportamento. Gilvan Ventura da Silva (1995) nos diz que a sátira critica posturas que se opõem ao tradicional, portanto, há ali uma função moralizante nas reflexões produzidas por Pérsio.

Como exemplo, fazemos menção a alguns trechos da *Sátira* III, que o poeta dirigiu contra todos aqueles que se descuidaram dos estudos da filosofia e cederam seu tempo e suas forças ao ócio, à indolência e, principalmente, contra os jovens. O poeta descreve, no texto, os ardis de que se valia, desde a sua infância, para se dedicar aos estudos: “[...] da mesma maneira que devemos atacar o mal pela raiz com remédios adequados, assim devemos o quanto antes assimilar os estudos filosóficos para a nossa vida” (Pers., *Sat.*, III, 8-12). Trata-se de viver segundo regras de conduta ética, como forma de abrigo da ignorância: “Quando criança, recordo, ficava a fazer exercícios a partir dos exemplos de Catão, e principalmente pelo seu suicídio” (Pers., *Sat.*, III, 12-18); naquele tempo, era



prática comum fazer exercícios de eloquência e os pais assistiam aos exercícios, quando não convidavam os amigos para assistirem juntos.

A *Sátira II* tem como tema a religião, seus devotos e desdobramentos comportamentais. Há muitas críticas do autor ao perceber a relação que as pessoas estabeleciam com seus deuses. Para Pérsio, os homens falham na relação que estabelecem com as divindades. Por exemplo: “Com que tipo de moeda deseja comprar os ouvidos dos deuses? Por acaso com um pulmão e uns intestinos gordurosos?” (Pers., *Sat.* II, 25-30) ou ainda: “Pedes energia para teus nervos e um bom corpo quando vier a velhice. De acordo: mas aqueles pratos abundantes com exagero de salsichas só servem para impedir que os deuses escutem e paralisam a boa vontade de Júpiter” (Pers., *Sat.*, II, 40-45). Vemos aqui vários elementos interessantes, mas destacamos um aspecto fundamental para um estoico como Pérsio: um corpo vicioso e corrompido é prejudicial ao corpo social do Principado romano. Diz-nos o satírico provinciano: “de que serve introduzir os nossos costumes nos templos e levar para os deuses coisas que vem dessa nossa carne profana?” (Pers., *Sat.*, II, 65).

Quando se afirma, na mesma sátira, “o ouro tem afastado os vasos de Numa e os bronzes satúrnio e também corrompido as urnas das vestais e a argila dos etruscos” (Pers., *Sat.*, II, 55-60), verificamos um autor defendendo os costumes simples e, para ele, genuinamente romanos.<sup>4</sup> Por conseguinte, concordamos com Parra (2016, p. 77), quando em seu texto afirma:

A entrada de vários deuses advindos de outras localidades, a mudança e renovação das práticas, inclusive religiosas, faziam os grupos mais abastados acreditarem que as novas formas religiosas prejudicariam as práticas já existentes como o culto ao imperador, ou ainda, a idealizada “identidade romana”. As novas práticas eram consideradas ainda por alguns intelectuais como superstição. Os discursos podem ser considerados uma estratégia de distinção dos grupos sociais: os grupos mais abastados e ligados ao poder buscando a defesa de uma identidade e tentando distinguir-se daquilo que considerava os “outros”, o “diferente”, o “estrangeiro”.

Pérsio ao escrever sobre os assuntos religiosos, deixava bem claro que pertencia a um grupo e que defendia determinados princípios; além disso, criava estratégias num jogo constante de interesses sociais e políticos, quer seja, a visão de mundo romana em contraposição aos “outros”, os não romanos.<sup>5</sup> Determinados tipos de práticas religiosas

<sup>4</sup> Conforme Parra (2011, p. 22), “Crer significava acreditar no poder do ritual e buscar sua perfeita execução. Scheid enumera alguns dos maiores princípios. O primeiro deles é que a religião romana ‘é uma religião sem revelação, sem livros revelados, sem dogma e sem ortodoxia. O que existe é a chamada ‘orthopraxis’, a performance correta que descrevem os rituais’”. No caso, Amanda Parra fez referência à obra de Scheid, *An introduction to Roman Religion* (2003, p. 18).

<sup>5</sup> Ainda de acordo com Parra (2015, p. 492), “é a exclusão sistemática do sentimento que ajuda a compreender o estatuto da crença. A fé apaixonada e inflamada não tinha lugar na religião tradicional. Pois tudo que ultrapassava os limites do rito, todo comportamento religioso exagerado e impulsivo não revelava mais a crença romana: estas atitudes lembram a superstição”.

podiam ou não reafirmar condutas, estas aceitáveis ou não, tanto dentro quanto fora de Roma.

Retornando na *Sátira* III, observamos um autor preocupado em denunciar aqueles que se afastaram da filosofia e perigosamente se aproximaram de um ócio improdutivo. Aqui vemos, então, um poeta preocupado também com a questão da produção de conhecimento. Além disso, ele constrói uma espécie de teoria das paixões e detecta aquilo que chamará de enfermidades da alma. Afirma em verso da referida sátira: “Uma jarra mal cozida ou que não tem a alça totalmente seca será quebrada quando receber um golpe: revela seu defeito em seu som. Deves moldar-te em torno, sem perdas de tempo nem interrupções” (Pers., *Sat.*, III, 25-30).

Também reservava para os mandatários aconselhamentos importantes sobre o referido tema, quando diz: “Pai de todos os deuses! Te rogo para que castigues a todos os cruéis tiranos quando a vã paixão infectada de um veneno forte excita sua mente: que venha a virtude” (Pers., *Sat.*, III, 30-35). Aqui vemos o tema do “cuidado de si”, tão caro aos estoicos que, ao reunirem formação educacional sólida e necessária, se colocavam como responsáveis em educar, ou seja, orientar toda a população que potencialmente teria acesso ao seu texto.<sup>6</sup> Ademais, Pérsio foi um autor que denunciava o desinteresse das pessoas pela filosofia, pelas questões e problemas do mundo e pela própria realidade que as cercava.

A *Sátira* IV é dedicada ao aperfeiçoamento pessoal, dando certa continuidade ao chamado “cuidado de si”, mas principalmente à relação do homem com a coisa pública. Pérsio defendia que ninguém deve se lançar na vida pública sem preparação. Desse modo, afirma: “Por que, então tu, em vão adornado por beleza superficial, não deixas de sacudir o rabo para o povo adulator, antes do tempo, viva dentro de ti mesmo, e tu saberás o quão limitado é o teu caráter” (Pers., *Sat.*, IV, 45-50).

O tema central da *Sátira* V, a mais longa e talvez a mais conhecida das sátiras, contendo cerca 200 versos, gira em torno das questões da liberdade e mesmo a falta dela, sua essência e o controle das paixões. Além disso, discorre sobre gratidão e virtude (tema caro ao estoicismo ao qual Pérsio se alinhava). Inclusive dedica a referida sátira ao seu mestre, Cornuto.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Reforço outros dois trechos, um direcionado ao *princeps*: “Ó grande pai dos deuses, queiras punir os tiranos cruéis desse jeitinho mesmo, quando o desejo agourento mover-lhes a índole regada por fervente veneno: que vejam a virtude e, tendo-a abandonado, definhem”; outro direcionado ao cidadão comum: “Estudam, infelizes, e aprendam as causas das coisas: quem somos, para que vivemos, no lugar que nos foi designado, qual deve ser nosso ponto de partida e como devemos fazer para atingir as nossas metas” (Pers., *Sat.*, III, 55-60).

<sup>7</sup> “[...] o quanto de nossa alma seja parte tua, Cornuto, para ti, doce amigo, é agradável mostrar. [...] Aqui eu me arriscaria a exigir centenas de gargantas, para que eu traga com voz pura o quanto tu estás fixado em meu peito sinuoso, e que essas palavras revelem tudo o que está latente em inenarrável entranha escondida. Ambos arranjamos o trabalho e o



Citamos agora trechos da última sátira, a VI, que reforçam a relação mestre/aluno e a prática filosófica: “Recordo que passava contigo largas jornadas, contigo dedicava horas de estudos durante a noite. Discutimos muitos assuntos sérios com uma refeição discreta” (Pers., *Sat.*, VI, 35-40), ou ainda:

É que a filosofia te permite viver e andar firme com seus pés, permitindo que possas distinguir entre a verdade e a aparência. As coisas que devemos nos atentar e para as coisas que devemos evitar. És moderado em suas aspirações? Tens uma postura austera? És afável com teus amigos? (Pers., *Sat.*, VI, 100-105).

Posto isto, é fundamental constatar que o ambiente da *Sátira* VI não é mais a cidade de Roma, mas uma praia no inverno, quando o autor (em consonância com o sujeito lírico) se ausenta da cidade e pretende estar afastado dos vícios desse local. Ademais, ele ainda discute questões sobre o uso correto das posses, do seu dinheiro (não sendo mesquinho, mas sem desperdício), trazendo um caráter marcadamente pessoal em suas linhas e reflexões. Faz, enfim, uma espécie de tratado de si mesmo, e encerra com o ideal estoico da justa medida e da *moderatio*.

### Considerações finais

Ao nos debruçarmos sobre as *Sátiras*, de Pérsio, seus temas, suas abordagens e escolhas, vislumbramos um autor em sintonia com seu sujeito lírico, que por vezes, se mostrava bastante pessimista com seu mundo e o ambiente que o cercava, seja a capital, seja o universo provinciano. É visível que nosso autor exaltava constantemente o *mos maiorum*, pois o passado romano era sua principal referência. Insistimos no fato de que Pérsio almejava uma padronização de postura e comportamento para o *princeps*, seu coevo, e para os vindouros; e também para os concidadãos, habitantes da capital e da periferia do Império. Orientar o mandatário, alertar sobre suas ações e comportamentos, aparece como uma maneira de facilitar sua administração, ou auxiliá-lo no possível sucesso dessa empreitada.

Concordamos, em certa medida, com Cizek (1982), quando este afirma a existência da audácia neroniana, da pulsão de um homem com sua maneira de ver o mundo e agir sobre ele; ou seja, na melhor junção entre cultura grega, helenística e oriental. Dessa forma, incompreensível para a geração que acompanhou Nero de muito perto, Pérsio se

---

repouso como se fôssemos um só e relaxamos a seriedade em mesa discreta. Em verdade, não duvides disso: que em harmonia determinada os dias de ambos coincidem e são conduzidos por um só astro” (Pers., *Sat.*, V, 20-25).

colocou como um verdadeiro opositor ao regime reinante, principalmente nos anos finais de seu governo.

O gênero satírico é considerado estético e normativo, e a produção literária de Pérsio, ao que parece, não fugia dessa regra. Para evitar a corrupção dos costumes, seja na capital, seja no interior e/ou para conter a violência e os abusos, o texto persiano aparece como uma ferramenta de educação e correção moral. Aliás, como explicamos há pouco, contribuiria para a formação do *princeps* e dos concidadãos, agindo como um freio moral onde a política e o regramento não chegavam. Essa função normativa é definida pelo caráter moral ao qual ela se propõe. Através do uso do texto satírico, o autor em questão assume certa postura crítica dos fatos e acontecimentos que presencia e conhece. A “pena moralizante” aponta para aquilo que considera uma transgressão aos bons costumes, pois para ele, objetiva a correção e o melhoramento da sociedade de sua época e, por que não, para épocas vindouras? O texto carrega ainda uma intencionalidade política: discutir, orientar a conduta pessoal e social do indivíduo. O império crescia, o contato com outras regiões exigia tal postura de discernimento e “proteção” dos *mos maiorum*.

Nos encaminhando para o desenlace, consideramos o texto persiano uma possibilidade de intervenção na sociedade do primeiro século da Era Cristã e corroboramos uma afirmação corrente: Muito se disse que a sátira latina surgirá e se afirmará como clara oposição à chamada “helenização de Roma” (D’ONOFRIO, 1968, p. 16).

Podemos ainda constatar que as *Sátiras* podem ser lidas com uma função instrumental de educar a todos, não apenas denunciar e se indignar perante o que vê. A obra de Pérsio reflete, portanto, sobre o que pode ser ou não recomendável fazer tanto para governar quanto para viver em sociedade.

Por fim, e não menos importante, devemos considerar que Pérsio estava inserido dentro de um cenário de competição aristocrática. Esta não era apenas romana, mas italiana e expandia-se para várias partes do Império Romano. Havia forte competição entre os homens letrados e cada um queria garantir seu lugar. O nosso autor das *Sátiras* não fugia à regra, ou seja, era um dentre tantos indivíduos com motivações diversas que buscavam espaços de poder, influência e prestígio.<sup>8</sup> Outrossim, Pérsio recebeu consideráveis elogios de Quintiliano e constata-se que foi muito lido, admirado e elogiado por autores cristãos. Ainda que não tenha sido objetivo desse texto tratar da recepção à

---

<sup>8</sup> “[...] não há unidade nessa aristocracia e, ainda menos, se trata de um grupo estático. Percebe-se que posturas adquiridas mudam apenas lentamente (quer para adotar a parcimônia, no caso dos que vivem em Roma, quer para passar à ostentação autodestrutiva, para os que vieram de outras partes da Itália e das províncias), mesmo que o comportamento possa mudar mais rapidamente (a cada novo príncipe, os aduladores mudariam de pronto seu comportamento, embora a postura não se alterasse)” (FAVERSANI; JOLY, 2013, p. 140).

obra persiana, constatamos o sucesso que seu texto atingiu posteriormente à sua morte, comprovando a qualidade e potencialidade de suas reflexões.

## Referências

### Documentação textual

PERSIO. *Sátiras*. Introducciones generales de Manuel Balasch. Introducciones particulares, traducción y notas de Manuel Balasch. Madrid: Gredos, 1991.

PERSIO. *Sátiras*. Introdução, tradução e notas de Fábio Cairolli. São Paulo: Assimetria, 2019.

### Obras de referência

ANDERSON, W. *Essays on Roman satire*. Princeton: Princeton University, 1982.

ARMANI, C. H. Reflexões sobre o contexto na História Intelectual: entre a virada linguística e o novo Materialismo filosófico. *Tempos Históricos*, v. 19, n. 1, p. 80-102, 2015.

BRUNO, H. *Pérsio: introdução, tradução e notas*. 1980. (Dissertação em Latim) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980.

BUSTAMANTE, R. M. C. Práticas culturais no Império Romano: entre a unidade e a diversidade. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (org). *Repensando o Império Romano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 112-135.

CASTRO, M. B.; LEITE, L. R. Releitura da tradição nas sátiras de Pérsio. *Itinerários*, n. 45, p. 235-254, 2017a.

CASTRO, M. B.; LEITE, L. R. O prólogo de Pérsio como profissão de fé. *Litterata.*, v. 7, n. 2, p. 135-146, 2017b.

CASTRO, M. B. *O Programa satírico de Pérsio frente à tradição*. 2015. (Dissertação em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

CIZEK, E. *Néron*. Paris: Fayard, 1982.

D'ONOFRIO, S. *Os motivos da sátira latina*. Marília: Alfa, 1968.

FAVERSANI, F.; JOLY, F. D. Tácito, sua Vida de Agrícola, e a competição aristocrática no Alto Império Romano. *Mnemosine*, v. 4, n. 1, p. 133-147, 2013.

- HANSEN, J. A. Anatomia da Sátira. In: VIEIRA, B.; THAMOS, M. (Org). *Permanência Clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana*. São Paulo: Escrituras, 2011, p. 145-170.
- JOLY, F. D. *Libertate opus est: escravidão, manumissão e cidadania à época de Nero*. Curitiba: Progressiva, 2010.
- LOPES, M. A. História Intelectual: variações de gênero e convivência de paradigmas. *História Unisinos*. v. 19, n. 1, p. 23-30, 2015.
- LORIGA, S. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- OLIVEIRA, R. A. de. Alguns aspectos da Sátira VI de Juvenal. *Caderno de Letras*, v. 21, p. 31-42, 2013.
- PARATORE, E. *História da Literatura Latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- PEREIRA, M. H. da R. *Antologia da cultura latina*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1986.
- PARRA, A. G. Algumas manifestações religiosas orientais em Roma no Principado: Petrônio e Marcial. In: SILVA, Z. L. da; ANHEZINI, K. (org.). *A escrita histórica e suas múltiplas faces*. Assis: FCL Assis Unesp, 2011, p. 21-41.
- PARRA, A. G. Sobre a descrença religiosa: uma análise das sátiras de Juvenal. In: MENARIM, C. A.; BERTAZI, M. H. (org.). *Anais da XXXI Semana de História: palavra e destino comum*. Assis: Unesp, 2015, p. 488-496.
- PARRA, A. G. *Os elementos religiosos nas 'Sátiras' do poeta Juvenal (séculos I e II d.C)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Unesp/Assis, 2016.
- SCARPI, P. *Politeísmos: as religiões do mundo Antigo*. São Paulo: Hedra, 2004.
- SCHEID, J. *An introduction to Roman religion*. Edinburgh: Indiana University Press, 2003.
- SILVA, G. V. A representação da mulher na sátira romana: amor e adultério em Horácio e Juvenal. *Dimensões*, n. 4, p. 73-85, 1995.
- SKINNER, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.